

O Banco de Textos de Ulm

HISTÓRIAS DE CASOS TRADICIONAIS E UM NOVO MODELO
DE PESQUISA RELEVANTE PARA A PRÁTICA EM PSICANÁLISE

Horst Kächele e Erhard Mergenthaler

A TALKING CURE

Tudo se iniciou com a *talking cure*, a cura pela palavra. Permitam-nos lembrar nossos leitores que muitas décadas se passaram desde que uma paciente do médico vienense Josef Breuer, em 1881, chamou ingenuamente seu tratamento de *talking cure*. Isto está bastante de acordo com a maneira como vemos hoje estarem as diversas psicoterapias corretas em atribuir uma posição central à linguagem. Entretanto, é justo salientar que “em comparação com os constituintes behaviorísticos ou fisiológicos da interação psicoterapêutica, o falar que transpira entre terapeuta e cliente tem estado consistentemente no escrutínio crítico da pesquisa em psicoterapia e em sua teoria e prática. (Roussell, 1987, p.1.) Freud, observando o falar nebuloso dessa jovem senhora, concebeu a idéia de que, apenas narrando essas observações como uma história, poder-se-ia fazer justiça ao que havia transcorrido. Assim a Psicanálise se tornou uma ciência narrativa, que usa relatos que aspiram ao *status* de verdades narrativas. (Forrester, 1980; Spence, 1982.) Para imaginar a importância dessa decisão metodológica, imaginemos o desenvolvimento da química, para a hipótese de os químicos haverem desenvolvido o hábito de descrever o que viram em seus tubos de ensaio, tendo realizado as experiências mais excitantes: uma ciência da química baseada na descrição de cores, de reações azuis, vermelhas e verdes ocorridas nos pequenos tubos, depois de se haver feito isto e aquilo. Ou imaginemos a ciência da musicologia com os músicos compartilhando suas mais íntimas experiências pessoais escrevendo histórias de casos, ou por indagar dos ouvintes de suas experiências emocionais após um concerto de piano. O que há de errado com tal abordagem? Bem poderia suceder que alguém pudesse construir uma ciência de experiências musicais por coletar um grande volume de

tais testemunhos subjetivos. Que isso não funcionaria para a química está demonstrado pelo fato de que a alquimia tentou em vão encontrar a receita de fabricar ouro. Deixando de lado esses exemplos fantasiosos, permitam-me lembrar os Irmãos Grimm, os dois professores de Gottingen que deram início à coleta sistemática de lendas oralmente transmitidas. Hoje possuímos um campo de pesquisa bem desenvolvido e altamente sofisticado de análise de lendas recoletadas por todo o mundo conhecido. (Propp, 1928.)

Em nosso campo, por muitos anos, a tradição oral documentada por histórias de casos constituiu-se no maior meio de transmissão dos *insights* obtidos pela introdução da situação terapêutica como um campo para a pesquisa orientada para a descoberta. Nossos exemplos devem demonstrar que isto, em si mesmo, não deveria ser um obstáculo significativo para o acúmulo sistemático de conhecimento, se tivesse havido um esforço sistemático para uma seleção adequada de exemplos, se tivéssemos um grupo representativo de histórias de casos. Mas ninguém ainda se animou a executar a tarefa de Sísifo de sequer tentar especificar as características dos pacientes de que se fala nas mil e uma vinhetas de casos escondidas em revistas da comunidade psicanalítica. Entretanto, não apenas na psicologia alemã temos notado uma renascença da velha discussão sobre psicologia ideográfica *versus* nomotética, que erroneamente se manifesta como uma discussão sobre aproximações qualitativas *versus* quantitativas (Jättemann, 1983), mas mesmo nos Estados Unidos encontramos que "o método de estudo de casos em psicologia e em outras disciplinas relacionadas" (Bromley, 1986) tem sido redescoberto, ultimamente.

A utilidade dos protocolos narrativos tem sido um tópico para reverberações filosóficas na sempre atual discussão sobre "o estatuto da Psicanálise" (Farrell, 1981) como hermenêutica ou ciência natural. (Edelson, 1985.) Nossa experiência, bem como a de outros, aponta para o fato de que a Psicanálise tem se valido principalmente de descrições de casos singulares. Relatórios de casos, como a volumosa descrição de seiscentas páginas de um único caso clínico cuidadosamente descrito, feita por Dewald (1972), demonstram seu valor na pesquisa. Entretanto, revisando a literatura psicanalítica sobre relatórios deste tipo de extensão, foram encontradas apenas trinta e seis publicações na literatura psicanalítica desde Freud. (Kächele, 1981.) Um fato interessante é que este número aumenta significativamente a partir dos anos de 1960 e é peculiar que a maioria dos pacientes que atraem esses esforços sejam ou crianças ou psicóticos ou ambos. Todos estes relatos foram baseados em anotações tomadas durante ou logo após as sessões. Tirantes as primitivas gravações de Earl Zinn, gravações em *tape* foram consideradas um anátema pela comunidade psicanalítica, e para muitos, ainda hoje o são. A exceção notável é o "experimento em psicoterapia filmada" de Paul Bergmann, apoiado por David Shakow (Bergman, 1966), no National Institute of Mental Health. Outro exemplo de colaboração frutífera entre terapeuta psicanalista e pesquisador

clínico é dado por Hartvig Dahl (1972, 1974) em seu trabalho sobre 363 sessões de uma jovem senhora, ao prover um índice temático para o tratamento. Há ainda o famoso caso da sra. C, estudado de forma intensiva por um (agora) grande número de pesquisadores tanto na costa Leste como na Oeste dos Estados Unidos. (Bucci, 1988; Dahl, 1988; Horowitz, 1977; Jones & Windholz, 1990; Weiss & Sampson, 1986.) Quando o grupo de Ulm começou seu trabalho no início da década de 1970, inicialmente focando em extensas análises de casos individuais tratados por H. Thomä e H. Kächele, parecia bastante promissor em vários sentidos. Prometia ajudar-nos a diminuir a distância que separava o trabalho clínico e a abordagem científica, além de carregar a esperança de manter as avenidas qualitativas e quantitativas em contato uma com a outra. Introduzir a gravação com fita magnética na prática psicanalítica teve um grande impacto em muitas facetas da atmosfera que circunda a Psicanálise. O tempo do mágico e misterioso *tour* está encerrado: seminários clínicos baseados em sessões gravadas estabeleciam um clima diferente para as discussões; livros de textos usando sessões transcritas levaram a um quadro mais sóbrio sobre o que estão realmente falando pacientes e analistas. (Thomä & Kächele, 1992.)

Na primeira edição do *Handbook of psychotherapy and behavior change*, Luborsky e Spence (1971) já solicitavam estudos empíricos baseados em dados primários. Este são, principalmente, gravações em áudio e/ou vídeo de sessões terapêuticas e as respectivas transcrições. Nos anos que se seguiram, esse chamamento por fitas magnéticas e transcrições continuou. Muitos deles foram usados apenas uma vez e já não existem mais ou não podem ser consultados.

Em face deste triste estado de coisas, nós, em 1979, desenvolvemos a utopia de organizar um arquivo que centralizasse esses conjuntos de dados. Com o suporte de generosos fundos da Fundação Alemã de Pesquisa, essa idéia pôde se tornar realidade dentro dos nove anos seguintes. (Mergenthaler 1985; Mergenthaler & Kächele, 1988, 1991.)

Daremos aqui uma breve visão das disponibilidades atuais. A ênfase será posta mais em como o arquivo é administrado e seus regulamentos do que numa listagem exata do que está disponível no momento. Os números mudam constantemente e podem ser atualizados rápida e facilmente por um telefonema ou carta para o local respectivo. Tomaremos mais espaço com a descrição dos procedimentos de empréstimo do material e os meios para assegurar confidencialidade e autoria.

ARQUIVOS PRINCIPAIS

Três são os arquivos de maior vulto conhecidos até esta data. Dois deles colecionam material apenas em inglês: são o Psychoanalytic Research Consortium (PRC) e o Center for the Study of Neuroses (CSN). Já o Banco de Textos de Ulm aceita gravações de textos e transcrições tanto em inglês quanto em alemão. Mais deta-

lhes serão fornecidos juntamente com a descrição de cada um deles, ainda que não tenhamos a intenção de descrever uma lista geral de todas as entradas, pois as mudanças por acréscimos são constantes e, por isso, necessitaria ser freqüentemente atualizada. Em vez disto, apontaremos apenas tópicos mais importantes de cada um dos arquivos.

O BANCO DE TEXTOS DE ULM

O Banco de Textos de Ulm (UTB) iniciou a coleção de textos e transcrições no início dos anos de 1970, e hoje possui a maior coleção de textos, protocolos de testes, fitas gravadas e transcrições do mundo. Pertence à Universidade de Ulm, Alemanha, e é dirigido pela Seção de Ciências da Computação em Psicoterapia (diretor: E. Mergenthaler) e afiliada ao Departamento de Psicoterapia (chair: H. Kächele). O UTB oferece um amplo espectro de serviços: (a) admissão de material relevante; (b) empréstimo de transcrições, fitas gravadas ou arquivos em disquete; (c) análise de arquivos de textos com o auxílio de computador; (d) e aconselhamento para o planejamento de estudos empíricos. Além disso, no UTB, são desenvolvidas metodologias para administrar economicamente arquivos como tais (sistema de gerenciamento de bancos de texto) e para analisar automaticamente dados em forma de texto. Baseados na enorme quantidade de textos no arquivo, vários fenômenos lingüísticos são detectados e tornados públicos.

No Banco de Textos de Ulm estão armazenados materiais de origem inglesa e germânica. A base de dados em língua alemã inclui agora extensas amostras de quatro casos de Psicanálise. Sessões individuais de nove outras terapias psicanalíticas são também ali encontradas. A base de dados de entrevistas iniciais inclui cerca de quinhentas primeiras entrevistas e é indexada conforme o sexo do paciente, do terapeuta e se se trata de distúrbio neurótico ou psicossomático. Este conjunto de dados está sendo aumentado sistematicamente com especial atenção às variáveis de sexo, diagnóstico, classe social e idade, bem como as referentes ao terapeuta quanto ao grau de experiência e tipo de psicoterapia. A porção em inglês do Banco de Textos de Ulm é constituída de cerca de quarenta sessões provenientes do Penn Psychotherapy Project, representadas por duas sessões de início de tratamento e por duas de fase avançada de dez casos em que houve melhora e outros dez em que não houve, sendo usada uma terapia psicodinâmica. Há ainda outros textos cuja requisição se faz por intermédio do UTB, mas que não faz parte de seu acervo regular, razão por que se aplicam restrições de acesso adicionais. Em particular, citem-se 225 horas de tratamento psicanalítico representadas por 15 horas escolhidas ao acaso de quinze casos de análise. Outras 25 horas pertencem a um caso em que foram selecionadas 10 horas de trabalho, 10 de resistência e 5 intermediárias. Finalmente, há ainda 185 sessões de outro caso analítico.

O tipo de texto incluído na base de textos é determinado pelos objetivos,

deles, ainda que não as entradas, pois as ia ser freqüentemente importantes de cada

os e transcrições no extos, protocolos de niversidade de Ulm, ção em Psicoterapia icoterapia (chair: H. idmissão de material quivos em disquete; lor; (d) e aconselha- , no UTB, são desen- uivos como tais (sis- omaticamente dados os no arquivo, vários

de origem inglesa e xtensas amostras de as terapias psicanál- evistas iniciais inclui ne o sexo do pacien- ssomático. Este con- i especial atenção às mo as referentes ao i. A porção em inglês sessões provenientes es de início de trata- ve melhora e outros ica. Há ainda outros não faz parte de seu adicionais. Em parti- ntadas por 15 horas oras pertencem a um resistência e 5 inter- alítico.

ado pelos objetivos,

questionamentos e interesses científicos das instituições mantenedoras e outras. Para o Departamento de Psicoterapia da Universidade de Ulm, isso significa uma ênfase no estabelecimento de uma base empírica para pesquisa no campo da psicoterapia e para aperfeiçoar o ensino. Este último toma a forma de materiais para demonstrações para uso de estudantes de medicina, além do uso de transcrições *verbatim* nos cursos e supervisões para residentes em psiquiatria e para psicólogos.

O UTB está aberto para qualquer pessoa engajada em pesquisa baseada em gravações ou transcrições. A aceitação de material doado é feita em três níveis que o doador pode escolher livremente: (a) O material é doado ao UTB apenas para uso interno em pesquisa de características evolutivas de variáveis linguísticas. Neste caso, o material não pode ser emprestado nem tampouco impresso ou editado. Assim, o UTB pode garantir confidencialidade absoluta para essa categoria de material. (b) O material é doado ao UTB como disponível para empréstimo. Entretanto, antes que o material (uma cópia dele) seja emprestado, o doador será informado e permissão específica será solicitada. Como fonte de informação, o UTB questiona o estudioso interessado sobre qual o estudo pretendido com o material em questão, bem como prova de filiação institucional. (c) O material é doado ao UTB como livremente disponível. Aplicam-se as mesmas condições para empréstimo do item 2, mas os trâmites administrativos são menores.

Qualquer que seja o nível escolhido pelo doador, ele ou ela será informado no momento em que um estudo usando seu material tenha sido completado. Se disponível, uma cópia da publicação resultante do estudo lhe será entregue.

As pessoas interessadas em pedir material emprestado deverão submeter um esboço do que é pretendido com tal material. A equipe do UTB avaliará esses pedidos com especial ênfase quanto à confidencialidade e ética. Se as condições forem aceitáveis, um formulário será enviado à pessoa interessada, que o devolverá assinado, antes que qualquer material lhe seja fornecido. Essencialmente, tal declaração restringe o uso do material à pessoa que o pede emprestado e apenas para a pesquisa já solicitada. Há um regulamento que impede fazer cópias de material emprestado e que determina que seja devolvido em sua totalidade ao término da pesquisa. Se é uma publicação o que vai resultar da pesquisa, o rascunho final deve passar pelo crivo do pessoal do UTB para que sejam verificadas as citações, no sentido de preservar a confidencialidade.

Um dos serviços favoritos propiciados pelo UTB é a análise auxiliada por computador de material em forma de textos. O Banco de Textos possui vários métodos de análise que podem ser aplicados segundo as necessidades. Isto inclui também a oferta de conselhos na ocasião de planejar novos estudos. Devido à longa experiência da equipe do UTB, estudos podem ser mais rápida e efetivamente planejados se contarem com sua colaboração. Existem disponíveis um catálogo de todo o material armazenado, bem como uma lista de todos os estudos terminados até à data que façam referência a parte desse material.

Os serviços do UTB são disponíveis a um custo muito baixo. Taxas são cobradas apenas para tarefas que consomem muito tempo de trabalho, como transcrições de material gravado em fitas, além de pequenas quantias para indenizar gastos de material.

O PSYCHOANALYTIC RESEARCH CONSORTIUM

O Psychoanalytic Research Consortium (PCR), existente nos Estados Unidos, de acordo com seu dirigente, Sherwood Waldron, é uma entidade sem fins lucrativos que existe desde 1989 e cuja finalidade é recoletar gravações de Psicanálise e outras psicoterapias psicanaliticamente orientadas, além de catalogar e armazenar em segurança as fitas e outros materiais relacionados com esses tratamentos. O PCR também prepara seleções adequadas de tais materiais para distribuição a psicanalistas que sejam investigadores qualificados.

A aprovação de pesquisadores para acesso ao material é basicamente comparável à que é feita pelo Banco de Textos de Ulm. O objetivo do PCR é apoiar os esforços de pesquisa em Psicanálise.

A preparação de materiais também passa por processos semelhantes. As transcrições são feitas com os mesmos padrões. Isso implica no uso de técnicas semelhantes para preservar a confidencialidade e restrições equivalentes no uso e publicação de materiais.

O PCR dispõe de mais de vinte e cinco análises realizadas por nove diferentes psicanalistas, ou tem acesso a elas. O texto de uma análise de 324 horas é totalmente disponível em computador. Os outros materiais estão transcritos em graus variáveis. Certo número de psicoterapias conduzidas por analistas estão também armazenadas. Como o PCR é uma instituição autônoma, depende de taxas cobradas dos usuários para sua manutenção.

O CENTRO PARA ESTUDO DE NEUROSES

Em contraste com os dois anteriores, o Centro para Estudo de Neuroses (diretor: Mardi Horowitz) da Universidade da Califórnia – São Francisco (UCSF), nos Estados Unidos, não distribui seus textos, mas deseja encorajar cientistas de vários locais a participar de pesquisas em colaboração. São elegíveis projetos que tenham sido aprovados pelos diretores e pelo Comitê Coordenador do Programa para o Estudo de Processos Mentais Conscientes e Inconscientes da UCSF, mantido pela Fundação John D. and Catherine T. MacArthur. O trabalho deve ser feito em conjunto com um Liaison Scientist, cuja responsabilidade é facilitar a colaboração e assegurar uso adequado dos materiais.

Entre outros materiais como notas corridas, notas de processos, videotapes, audiotapes, o arquivo possui a transcrição completa e codificada quanto ao tempo

xo. Taxas são cobradas
ho, como transcrições
ira indenizar gastos de

os Estados Unidos, de
ade sem fins lucrativos
de Psicanálise e outras
ogar e armazenar em
s tratamentos. O PCR
distribuição a psicana-

basicamente compará-
o do PCR é apoiar os

semelhantes. As trans-
uso de técnicas seme-
ivalentes no uso e pu-

las por nove diferentes
e de 324 horas é total-
io transcritos em graus
analistas estão também
epende de taxas cobra-

o de Neuroses (diretor:
Francisco (UCSF), nos
ajar cientistas de vários
is projetos que tenham
or do Programa para o
la UCSF, mantido pela
elho deve ser feito em
facilitar a colaboração

processos, videotapes,
icada quanto ao tempo

de três terapias breves com pacientes portadores de depressão patológica. Estão também disponíveis outros materiais como dados experimentais, escores de testes psicológicos, gravações de sessões de pesquisa, de avaliação e de *follow-up*, incluindo aspectos fisiológicos. Há ainda transcrições de trinta outros casos de depressão.

Além desses três locais mencionados, existem ainda alguns outros com coleções de gravações e transcrições que se estabeleceram durante processos de pesquisa circunscritos. Estes, entretanto, ainda não desenvolveram uma política de se estabelecerem como arquivos ou bases de dados, de modo a se tornarem acessíveis a outros pesquisadores.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA

Repetidamente se tem afirmado que a pesquisa empírica formal não tem nenhuma consequência para a prática e vice-versa. Isto é verdade enquanto clínicos e pesquisadores viverem em compartimentos estanques e não se comunicarem uns com os outros. Por mais de duas décadas uns poucos psicanalistas sentiram-se profundamente afetados pelo desafio emocional e intelectual ao seu papel de clínicos, ao se envolverem ativamente no estudo empírico de sua prática clínica por intermédio de sessões gravadas. Mas a longa luta pelo reconhecimento oficial das gravações em fita magnética ainda não está encerrada, ainda que no Congresso Internacional de Psicanálise de Helsinki, em 1982, McLaughlin tenha reconhecido oficialmente, para assim dizer, a gravação de tratamentos psicanalíticos para efeito de ensino e prática. (ver Thomä & Kächele, 1992, p.24.) Uma das vantagens assim obtidas consiste na possibilidade de estudar teorias psicanalíticas por observar as operações dos analistas, com grande detalhe, nas produções dos pacientes.

As regras da técnica psicanalítica implicam em um número de arranjos que tornam óbvia a importância da linguagem como sua ferramenta central. A famosa frase de Freud nas *Lições introdutórias* — “existe apenas uma troca de palavras na situação psicanalítica” (1916/17, p. 17) — especifica, a partir de uma perspectiva didática, o objetivo do método psicanalítico. Partindo-se de um ponto de vista genérico, a linguagem consiste em regras e representações simbólicas que são, primariamente, ferramentas conceituais.

Como Freud desenvolveu seu próprio e algo idiossincrático modo de entender os símbolos, necessitamos algum trabalho conceitual sobre os diferentes usos desse termo. Teoricamente, o trabalho do psicanalista pode ser concebido como um processo de diferenciar fenômenos simbólicos de signos. A compreensão do sentido pelo senso comum deve ser completada pelo entendimento de qualquer sentido inconsciente adicional que possa haver em qualquer trecho de material verbal. A técnica da atenção flutuante é dirigida justamente para esse processo. Ao ouvir as associações de seu paciente, o analista recebe os sentidos convencionais daquilo

que ele ouve. Suspendendo suas reações a esse nível de compreensão, ele tenta compreender os sentidos potenciais que possam existir por trás desses outros do dia-a-dia. É este segundo processo que tentamos apreender quando discutimos nossas manobras técnicas e o papel da interpretação como uma parte constituinte dele. Ao interpretar, o analista usa uma perspectiva que não é imediatamente perceptível da ótica de seu paciente.

“O aspecto distintivo da tecnologia psicanalítica é, sem dúvida, a interpretação”. Neste sentido, é possível falar de uma hermenêutica tecnológica que difere em seus aspectos essenciais da hermenêutica teológica ou filosófica. (Thomä & Kächele, 1975; Thomä et al., 1976; Eagle, 1984.) Interpretações psicanalíticas não são feitas para figurar em textos, mas para pacientes que possuem uma expectativa terapêutica. A tentativa de verificar a efetividade terapêutica das interpretações psicanalíticas força o analista a dar pelo menos um passo fora do círculo hermenêutico e confrontar questões como a evidência empírica de mudança. (Thomä & Kächele 1987, p.365.)

Trabalhar as comunicações dos pacientes com interpretações requer empatia e introspecção, ainda que apenas estas não levarão o analista à sua forma específica de compreensão. Necessita ele também do conhecimento teórico que obteve durante sua formação, seja como parte de sua própria experiência analítica ou por estudar o que outros analistas já descreveram. Conhecemos muito pouco a respeito de como esses dois processos se entrelaçam na operação terapêutica real. Durante muitos anos dispúnhamos apenas de especulações superficiais a respeito de como funcionava a mente do analista. (Ramzy 1974.) Os poucos estudos empíricos realizados até então sobre como funciona a mente dos analistas em seu trabalho tinham apenas trazido uma primeira olhadela sobre a imensa variedade de razões para a real atuação.

Uma abordagem promissora ao estudo de conceitos de analistas sobre um tema específico — trauma psíquico — foi inaugurada quando Sandler pôs em termos operacionais suas reflexões sobre a relação dos conceitos com a prática (1983). O grupo de estudos no Instituto Sigmund Freud abriu um modo de explorar o campo desconhecido do que pensa o analista sobre sua prática. (Sandler et al., 1991.) Uma abordagem mais experimental foi estabelecida por Meyer (1988) ao estudar as reações imediatas após sessões de três analistas alemães em uma grande amostra de sessões gravadas.

Estudos dessa natureza tornaram claro que a relação da teoria e prática é mediada pelas operações mentais do analista. É fácil de concordar que nossos conceitos dão forma à nossa prática real, mas sabemos muito pouco de como isso ocorre. O próprio fato da existência de diferentes escolas em Psicanálise levanta a questão de em que extensão essas diferentes orientações teóricas influenciam a prática diária. Podemos assumir com segurança que a complexidade da mente humana admite umas quantas construções teóricas divergentes que estejam todas

compreensão, ele tenta
trás desses outros do
der quando discutimos
uma parte constituinte
: não é imediatamente

n dúvida, a interpreta-
tecnológica que difere
filosófica. (Thomä &
ações psicanalíticas não
ssuem uma expectativa
tica das interpretações
fora do círculo herme-
e mudança. (Thomä &

ações requer empatia e
à sua forma específica
teórico que obteve du-
iência analítica ou por
muito pouco a respeito
rapêutica real. Durante
tais a respeito de como
cos estudos empíricos
alistas em seu trabalho
sa variedade de razões

nalistas sobre um tema
andler pôs em termos
om a prática (1983). O
lo de explorar o campo
dler et al., 1991.) Uma
(1988) ao estudar as
n uma grande amostra

da teoria e prática é
concordar que nossos
to pouco de como isso
m Psicanálise levanta a
teóricas influenciam a
mplexidade da mente
ntes que estejam todas

inseridas dentro da visão psicanalítica. Entretanto, não está ainda demonstrado que, no que se refere a resultados psicanalíticos, "todos são iguais e merecem igualmente um prêmio". (Luborsky et al., 1975.)

Gravar as sessões tornou-se a via régia do processo terapêutico que pavimentará o caminho do progresso em Psicanálise. Sessões gravadas em fita magnética abrem um novo espaço para colaboração inovadora e interessante entre clínicos e pesquisadores, quando novas descobertas aguardam os dois grupos.

Bibliografia

BERGMANN, P.

1966. "An experiment in filmed psychotherapy". In: GOTTSCHALK, L. A. & AUERBACH, H. A. (Orgs.) *Methods of research in psychotherapy*. New York: Appleton-Century-Crofts, pp. 35-49.

BROMLEY, D. B.

1986. *The case-study method in psychology and related disciplines*. New York: Wiley.

DAHL, H.

1972. "A quantitative study of psychoanalysis". In *Psychoanalysis and contemporary science*. pp. 237-257.

1974. "The measurement of meaning in psychoanalysis by computer analysis of verbal context". In *J. Am. Psychoanal. Assoc.*, 22:37-57.

DEWALD, P. A.

1972. *The psychoanalytic process. A case illustration*. Basic Books: New York, London

EDELSON, M.

1985. "The hermeneutic turn and the single case study in psychoanalysis. In *Psychoanal. Contemp. Thought*, 8:567-614.

EHLICH, K (Orgs).

1984. *Erzählen im Alltag*. Frankfurt: Suhrkamp.

FARRELL, B. A.

1981. *The standing of psychoanalysis*. Oxford: Oxford Univ Press.

GOTTSCHALK, L. & AUERBACH, A. (Eds).

1966. *Methods of research in psychotherapy*. New York: Appleton-Century-Crofts.

JONES, E. & WINDHOLZ, M.

1990. "The psychoanalytic case study: Toward a method for systematic inquiry". In *J. Am. Psychoanal. Assoc.*, 38:985-1016.

JÄTTEMANN, G. (Org).

1983. *Psychologie in der Veränderung. Perspektiven für eine gegenstand angemessene Forschungspraxis*. Beltz: Weinheim.

KÄCHELE, H.

1981. "Zur Bedeutung der Krankengeschichte in der klinisch-psychoanalytischen Forschung". In *Jahrb. Psychoanal.* 12:118-178.

KÄCHELE, H. & MERGENTHALER, E.

1984. "Auf dem Wege zur computerunterstützten Textanalyse in der psychotherapeutischen Prozessforschung". In: BAUMANN, U. (Orgs.) *Psychotherapie: Makro/Mikroperspektive*. Verlag für Psychologie Dr. Hogrefe, C J, Göttingen, S 223-239.

LUBORSKY, L. & SPENCE, D.

1971. "Quantitative research on psychoanalytic therapy". In: BERGIN, A., GARFIELD, S. (Orgs.) *Handbook of psychotherapy and behavior change*. New York: Wiley, S 408-438.

MERGENTHALER, E.

1985. *Textbank systems. Computer science applied in the field of psychoanalysis*. Springer, Berlin, Heidelberg, New York.

MERGENTHALER, E. & KÄCHELE, H.

1988. "The Ulm Textbank management system: A tool for psychotherapy research". In: DAHL, H., KÄCHELE, H., THOMÄ, H. (Eds.) *Psychoanalytic process research strategies*. Springer, Berlin, Heidelberg, New York, London, Paris, Tokyo, S 195-212.

1991. "The Ulm Textbank Research Programm". In: BEUTLER, L. (Ed.) *International Psychotherapy Research Programs*. Pergamon, New York, London.

1993. "Locating text archives for psychotherapy research". In MILLER, N., LUBORSKY, L., BARBER, J. & DOCHERTY, J. (Eds.) *Psychodynamic treatment research. A handbook for clinical practice* (pp. 53-61). New York: Basic Books.

1994. Die Ulmer Textbank. *PPmP Psychother Psychosom med Psychol* 44: 29-35.

PROPP

1928. *Morfologia delle fiabe*. Torino: Einandi.

RUSSELL, R.

1987. "Psychotherapeutic discourse. Future directions and the critical pluralist attitude". In: RUSSELL, R. (Ed) *Language in psychotherapy. Strategies of discovery*. Plenum Press, New York and London.

SPENCE, D. P.

1982a. *Narrative truth and historical truth. Meaning and interpretation in psychoanalysis*. New York: Norton.

SPENCE, D. P. & LUGO, M.

1972. "The role of verbal clues in clinical listening". In *Psychoanal Contemp Sci* 1:109-131.

THOMÄ, H.

1975. *Prozessbeschreibung mit dem Topic Index*. Vortrag an der Psychosomatischen Klinik, Universität Heidelberg.

THOMÄ, H. & KÄCHELE, H.

1987. *Psychoanalytic practice*. Vol. 1 Principles. Springer, Berlin, Heidelberg, New York, London, Paris, Tokyo.

1988; engl. 1991. *Psychoanalytic practice*. Vol. 2 Dialogues. Springer, Berlin, Heidelberg, New York, London, Paris, Tokyo.

THOMÄ, H., KÄCHELE, H. & SCHAUMBURG, C

1973. Psychoanalytische Verlaufsforschung, Teil B: Modell zur klinisch-empirischen Verlaufsbeschreibung. Abteilung Psychotherapie, Universität Ulm, 10/73.

WEISS, J., SAMPSON, H., Group at MZPR.

1986. *The psychoanalytic process: theory, clinical observation, and empirical research*. New York: Guilford Press.

PV 192

Nize Maria Campos Pellandã
Luiz Ernesto Cabral Pellanda
(organizadores)

PSICANÁLISE HOJE: UMA REVOLUÇÃO DO OLHAR



VOZES

Petrópolis
1996

OBJETIVO DO TRABALHO	248
PRIMEIRA PARTE: A EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO AGENTE DE MUDANÇA PSÍQUICA	249
SEGUNDA PARTE: A EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO AGENTE DIDATOPATOGENIZANTE	269

Pedagogia em tempos de cultura predatória..... 285

Peter McLaren

JUVENTUDE E APATIA PÓS-MODERNA	304
--------------------------------	-----

Construtivismo crítico e psicanálise social:
ampliando uma pedagogia crítica pós-moderna 315

Joe L. Kincheloe

PSICANÁLISE SOCIAL	315
A RELAÇÃO ENTRE A PSICANÁLISE SOCIAL E O CONSTRUTIVISMO CRÍTICO	318
PEDAGOGIA, CONSTRUTIVISMO CRÍTICO E PSICANÁLISE SOCIAL	321
A PEDAGOGIA DA PSICANÁLISE SOCIAL: RESISTINDO AO TECNOPODER	325

Auto-análise: o outro lado do conhecimento 333

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

Paradigmas e modelos na Psicanálise atual 347

Renato Mezan

O Banco de Textos de Ulm 357

Histórias de casos tradicionais e um novo modelo de pesquisa relevante para a prática em Psicanálise

Horst Kächele e Erhard Mergenthaler

A TALKING CURE	357
ARQUIVOS PRINCIPAIS	359
O BANCO DE TEXTOS DE ULM	360
O PSYCHOANALYTIC RESEARCH CONSORTIUM	362
O CENTRO PARA ESTUDO DE NEUROSES	362
IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA	363

Sobre o discurso e sua fonte: o símbolo
como mediação necessária 369

Theobaldo Oliveira Thomaz

E A EMOÇÃO É, AFINAL, PURA MATÉRIA BIOLÓGICA	369
A RENOVAÇÃO DISCURSIVA NA ALEGORIA DE NARCISO	370